

Textos

Benhur Jungberck

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 07/08/2007

Título : Arquivo Histórico Regional - AHR

Categoria: Artigos

Descrição: Das estradas de terra e casas de madeira às sólidas construções do século XX, calçamento com pedras irregulares... prédios oficiais e casas das famílias mais reconhecidas.

Benhur Jungbeck (*)

Das estradas de terra e casas de madeira às sólidas construções do século XX, calçamento com pedras irregulares... prédios oficiais e casas das famílias mais reconhecidas.

Nesses tempos procuramos cada vez mais um sentido para o patrimônio histórico e cultural ainda remanescente em Passo Fundo. É também nesse sentido que a história da cidade e região é constantemente revista na busca de respostas mais verossímeis para o já acontecido, que melhor representem aqueles fatos dos que aqui viveram, suas casas de comércio, suas igrejas, sua vida.

Com a aceleração das transformações sofre, também, o patrimônio. Segundo Marilena Leite Paes, a “velocidade versus avanços tecnológicos, atingem em cheio o universo daqueles que têm como matéria-prima de seu desempenho profissional a informação”. Os espaços de registro e guarda das informações que podem manter aquelas recordações em sua forma mais palpável ainda são exíguos diante da quantidade de dados que poderiam ser guardados.

É nesse sentido que este texto insere-se; na demonstração das atitudes possíveis e a cada dia mais necessárias para a preservação da memória documental que ainda resiste à ação do tempo e do homem. Falamos do trabalho

desenvolvido pelo Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo que iniciou suas atividades em meados dos anos 1980 em uma pequena sala no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, e que neste ano de 2007 completa 11 anos, em novo endereço, na Rua Paissandu.

O AHR volta seu foco de trabalho para os conjuntos documentais em papel produzidos principalmente em Passo Fundo e região, mas também, concomitantemente, para outros documentos significativos à pesquisa histórica. Sendo o local privilegiado para a conexão entre a memória escrita e a história, busca, também, a ligação entre aqueles que a escrevem e os que produzem documentação, a sociedade. E envolver a comunidade regional numa conjugação de esforços para a preservação é um dos motes principais do AHR. O conjunto documental do AHR perfaz o período entre a década 1830 e os dias atuais. Podem-se pesquisar nos arquivos públicos atividades governamentais das esferas federal, estadual e municipal; são atas, discursos, relatórios, publicações, legislação. Os arquivos sociais são constituídos por documentos de instituições beneficentes, educacionais ou representativas com sede em Passo Fundo. Jornais da cidade e região, revistas, anuários, almanaques, podem ser vistos nos arquivos de comunicação social. Nos arquivos pessoais estão os documentos provenientes de acervos individuais, sendo exemplos os acervos de Antônio Carlos Machado e Clodoaldo Brenner. Há uma biblioteca auxiliar com títulos versando sobre temas de histórias municipais, psicologia, direito, religião, política, entre outras. E, em fase de organização, o conjunto documental do judiciário com processos findos das Comarcas de Passo Fundo e Soledade.

Anna Amélia do Nascimento se refere aos cuidados que devemos dar aos fragmentos da memória escrita como uma atividade essencial e, para a qual devemos “portanto, constatar a presença dos documentos que ficaram sabendo-os poucos e dispersos, e dar proteção, restauração e classificação a esses elos com o passado histórico”.

A era da comunicação e da informação devem despertar o indivíduo e a sociedade para a necessidade da preservação dos caminhos já percorridos e suas recordações. A harmonia entre o presente e o passado pode estar, também, nesse fio condutor do escrito. Ambos, momentos do vivido, ligados pelo registro. Sempre fragmentos, no entanto, a partir deles, o reconhecimento dos fatos, das pessoas, da identidade, do individual ao coletivo. O acesso a esses documentos é um direito legal e social que deve ser exercido. Todavia, para que isso aconteça a comunidade deve privilegiar, com doações de seus acervos institucionais e pessoais, esses locais que se dedicam à conservação da memória.

O Arquivo Histórico Regional tem seu acervo aberto sem restrições à pesquisa com uma política arquivística ampla e voltada ao acesso e à disseminação das informações e das técnicas.

Data : 29/09/2012

Título : E os caminhos de ferro?

Categoria: Artigos

Descrição: Bom, a estrada ou os caminhos são tão antigos, ou mais, quanto a história do homem.

E os caminhos de ferro?

Sábado, 29/09/2012 às 00:43,
por Arquivo Histórico Regional

Bom, a estrada ou os caminhos são tão antigos, ou mais, quanto a história do homem. No entanto, nossa ideia nesse curto espaço e tempo é falar sobre um tipo de caminho que nos dias de hoje já não tem mais o glamour pelo qual já passou. Falando assim já dá para perceber que nos referimos às estradas de ferro.

Pois, para nossa região, e mais especificamente, Passo Fundo, a estrada de ferro e todo o conjunto de “estruturas” ao seu largo que vão das estações com suas oficinas, caixas d’água e armazéns até locomotivas e vagões, começaram a ser vistas por aqui nos últimos anos da década de 1890. E o que se observou nos anos que se seguiram, por conta desse meio de transporte, foi um crescimento rápido e que em poucas décadas afirmava Passo Fundo como centro regional comercial, educacional e com uma indústria nascente.

Essa onda de prosperidade se propagou durante a chamada belle époque, que trouxe além dos trens, também o desenvolvimento da construção civil, do aumento e do alargamento das ruas da cidade e com isso o aformoseamento – em termos atuais, embelezamento – realizado pelos órgãos públicos e sociedade local como um todo.

Os anos 1930 e 40 viram uma gare ainda mais movimentada com a consolidação do transporte de carga e o aumento do vozerio dos grupos cada vez mais numerosos de passageiros com suas chegadas e saídas a passeio ou para negócios. Se podemos dizer que a paisagem urbana foi cortada pelos trilhos, é certo que o mesmo espaço também foi-se modelando, em alguns aspectos, pela existência da estrutura ferroviária; denominavam-se os espaços de “dentro e fora do anel ferroviário”, o centro e o subúrbio. Aquela parte da cidade cresceu junto com a estação: proprietários de hotéis que escolheram estrategicamente as proximidades da estação férrea, pontos de carros de praça – depósitos de mercadorias, moinhos e, não perto dali, mas em seu caminho até mesmo uma charqueada, na localidade de São Miguel.

No entanto, na década de 1950 começaram a haver algumas transformações que não passaram despercebidas aos interesses ferroviários. É o momento em que a matriz viária nacional passa por questionamentos e entre os quais sua gradativa mudança da ferrovia para as rodovias em ascensão, por conta também da crescente indústria automobilística que se instalava no país. Essa questão consolidou-se na década de 1970 com os governos militares que mantiveram essa linha de pensamento. Em Passo Fundo, ainda se viam trens de carga e de passageiros, já não mais na gare da atual rua 7 de setembro, mas no bairro Petrópolis. O glamour ainda resistia com as chegadas e partidas do trem Húngaro para a capital do estado, linha que foi encerrada ainda no início da

década de 1980. Nessa época alguns grupos tentaram alternativas de negociação com o setor público para a reativação de pontos das linhas para o transporte de passageiros, mas sem êxito.

A ideia foi de mostrar nesses breves flashes alguns momentos de uma história que é importante para Passo Fundo. E nestes idos de 2012, o que ficou foi a manutenção do transporte de cargas. Para os passageiros que tiveram a oportunidade de utilizar-se desse transporte em outras épocas, ficou a nostalgia, pois os interesses viários nacionais vão por outros caminhos.

Benhur Jungbeck

Professor de História

Fonte: Acervo AHR

Imagem: Hotel Internacional; parada de trem. Atual avenida Sete de Setembro esquina com avenida Brasil.

Autor desconhecido. 1900.

* Os artigos expressam a opinião de seus autores.

Data : 07/12/2013

Título : O AHR no 3º Congresso Brasileiro dos Arquivos do Poder Judiciário

Categoria: Artigos

Descrição: O AHR conta com um acervo de considerável diversidade local e regional que pode proporcionar ao interessado no estudo da história da região boas possibilidades de pesquisa.

por Arquivo Histórico Regional

O AHR conta com um acervo de considerável diversidade local e regional que pode proporcionar ao interessado no estudo da história da região boas possibilidades de pesquisa. Dentre esse conjunto documental deve ser destacado o acervo judiciário. São milhares de autos-findos da Justiça Estadual da Comarca de Soledade, como também da Justiça do Trabalho das Comarcas de Passo Fundo e Soledade. Trata-se de fontes primárias ricas em informações para a pesquisa da memória do judiciário e da justiça do Rio Grande do Sul. Para tanto, o arquivo vem trabalhando na conservação e organização desses documentos.

Com o intuito de ampliar e aprofundar os conhecimentos a respeito dessa área, entre os dias 27 e 29 de novembro a equipe do Arquivo Histórico Regional da UPF esteve participando do 3º Congresso Brasileiro de Arquivos do Poder Judiciário, em Brasília. Promovido pelo Superior Tribunal de Justiça e com o apoio dos Tribunais Superiores o encontro debateu a temática do Acesso à Informação e a Preservação da Memória como Garantia do Exercício da Cidadania. O evento reuniu mais de 400 participantes. Palestras e cursos foram ministrados por magistrados, professores e técnicos de algumas das mais conceituadas instituições do país.

As conferências destacaram a necessidade da busca de aprimoramento para os órgãos judiciários de todo país no que diz respeito à prática de serviços mais eficientes em que se proporcionem mais espaços para a comunicação com o cidadão, que é o verdadeiro proprietário da informação. Essencialmente, é um trabalho para a efetivação de direitos e garantias fundamentais.

Durante o congresso, o teor das discussões versou sobre diversos temas que envolvem as atividades dos arquivos desde a gestão documental, passando pela preservação da memória até a ponta de todo o trabalho que é o acesso às informações. Também vale o destaque para a preocupação com as crescentes quantidades de acervos em formato digital que passam a fazer parte do olhar técnico dos arquivos.

De uma forma ampla, pode-se observar que a construção da cidadania através da acessibilidade do cidadão à informação ainda é um caminho longo que está nos primeiros passos se nos compararmos com outros países que já têm essa tradição. A respeito disso, poderíamos fazer uma analogia do momento em que nos encontramos com o capacidade da pessoa. Nós, cidadãos brasileiros, estamos saindo da “infância ou adolescência”, não sendo mais simplesmente “representados”, no entanto, ainda somos “assistidos”, pois não chegamos à maioria do conhecimento, onde o acesso e a liberdade da utilização de documentos e informações será irrestrito. Mas, o que é muito importante: descobrimos que essa possibilidade existe e estamos trabalhando para alcançá-la.

Então, de maneira geral, cada vez mais os arquivos e centros de documentação e o seu trabalho de preservação documental e manutenção das fontes de informação e memória deverão estar na pauta das discussões nos diversos setores da sociedade local e nacional.

Benhur Jungbeck
Professor de História
Equipe AHR

* O AHR destaca que os artigos publicados nessa seção expressam única e exclusivamente a opinião de seus autores.

Arquivo Histórico Regional – UPF

R. Paissandu, 1576 – Centro

Fone: 3316 8516 – e-mail: ahr@upf.br – site: www.upf.br/ahr

Doações de documentos são recebidas o ano inteiro.

Do Jornal
O Nacional
Sábado, 07/12/2013 às 07:44

Data : 01/01/2010

Título : Quereis Alcançar o Paraíso? Deveis procurar o táxi

Categoria: Artigos

O transporte de pessoas, existente desde a antiguidade e popularizado no século XVII em países como a França e a Inglaterra, começou a utilizar veículos motores somente nos últimos anos da década de 1890, na Europa.

Já no início do século XX, Passo Fundo, uma cidade em franco desenvolvimento e um centro reconhecido no norte do Rio Grande do Sul, passa a ter, a partir de empreendedores locais, serviços de transportes de pessoas com veículos motorizados.

No início da década de 1920 chama nossa atenção à publicidade desse ramo de atividade como é o caso do senhor Antoninho Marques que propunha à comunidade os serviços da Cocheira do Telésforo que atendia “serviços na cidade e viagens”, para o que dispunha de “bons animais e sólidos carros”. Do mesmo modo que em outras épocas, aqueles primeiros anos de 1920 também foram momentos de transição, mesclando, pelas ruas da cidade, os seus táxis, carros e autos – os primeiros, de tração animal e, os segundos, motorizados.

Se por um lado, buscava-se a clientela, também se criavam negócios indiretos como eram os casos da venda de carros. No Jornal A Época, podemos ver que se vendia “excelente carro de praça, completamente novo, sendo toda a ferragem patente, capota de couro da Rússia, os arreames e os respectivos cavalos”. Nos anos entre 1921e 1923 encontramos apenas uma oferta, em Passo Fundo, de auto de praça à disposição de seus clientes junto ao Hotel Popular “a qualquer hora do dia ou da noite” para passeios na cidade ou viagens. Entretanto, eles encontravam-se à disposição em estações de trem como nas paradas dos distritos de Carazinho e Boa Vista do Erechim – atual cidade de Erechim. Em alguns casos oferecia-se os dois tipos de transporte, motor e a tração animal.

Portanto, podemos depreender dos jornais locais, como é exemplo O Nacional, que este era um efervescente ramo de serviços, pois já a partir de 1925 temos outras empresas atuando na cidade. Proporcionavam seus serviços aos usuários as Garagens Farias, Escobar e Coliseu, para os mais diversos tipos de atividades que iam do traslado da estação férrea aos hotéis da cidade, para piqueniques ou casamentos.

São poucas décadas entre a normatização dos Autos de Praça na Europa e nos Estados Unidos e a criação e regulamentação desta atividade em nossa cidade. Em 1926 era criada a Associação dos Chauffers de Passo Fundo, ligada à Associação Internacional de Chauffers de Porto Alegre. Esse fato demonstra o nível de atividade e organização em que se encontrava este grupo de empreendedores. Entre as reuniões e eventos desenvolvidos pela Associação, também se preocupava o grupo com a regulamentação do trabalho e assim, em janeiro de 1929 entra em vigor, depois de aprovada pelo prefeito municipal Nicolau de Araújo Vergueiro, a primeira tabela de preços de transporte de pessoas da cidade, e a partir da qual a hora de trabalho comercial era tabelada em 15\$000 Réis , traslados na chegada dos trens de Santa Maria e do noturno de São Paulo custavam 8\$000 no verão e 10\$000 no inverno, e deslocamentos para casamentos, velórios e passeios ficavam entre 15\$ e 20\$000 por hora.

Ressaltavam os periódicos a importância desta medida pois a mesma iria “por certo, evitar discussões, sempre desagradáveis entre chauffers e passageiros”.

No entanto, o anúncio mais interessante e atrativo e, podemos dizer motivador deste texto, é o que fazia a Garagem Coliseu: “Quereis alcançar o Paraíso ? Devereis, quando precisar fazer uma viagem ou passeio procurar os autos...”, dando então nomes e endereço da empresa. A nota ainda anunciava que seu pessoal era competente e criterioso e atendia pelo telefone ou pessoalmente no Bar do Coliseu – que era o cinema àquela época.

Uma das origens do que são, atualmente, as empresas de transporte intermunicipal foi o trabalho da Garagem Farias que em 1926 colocava em funcionamento o que seria uma das primeiras linhas de transporte na região: a linha regular de transporte em auto-caminhão entre Passo Fundo e a vila de Nonoai, saindo desta cidade às segundas-feiras e regressando às quartas-feiras. Fazia também outras viagens e passeios com seus “automóveis de luxo” e bons caminhões.

Assim, confirmava-se a vocação passo-fundense como centro regional, já a partir do início do século XX. Inovando em diversas áreas, a cidade no norte do estado possuía boa estrutura comercial e de serviços. Proporcionava, desse modo, aos moradores e visitantes, a comodidade do transporte colocando-se nos mesmos níveis da comentada “modernidade” dos grandes centros e capitais do país.

Benhur Jungbeck
Mestre em História
Fonte: Acervo AHR

Data : 01/01/2014
Título : Visitando o passado
Categoria: Artigos

Já houve tempo em que a história direcionou seu olhar com mais interesse às datas dos acontecimentos, tanto quanto para os próprios. Mesmo isso tendo mudado substancialmente, ainda hoje apraz à maioria das pessoas guardar as marcas periódicas das passagens de tempo com números... 10, 25, 50 anos.

Rememoramos o trabalho dos últimos 5 anos de uma das atividades da equipe do Arquivo Histórico Regional. Entre os objetivos do AHR, além da guarda, preservação e disponibilização para a pesquisa dos documentos, também há a preocupação de disseminar as informações contidas no acervo. Em setembro de 2009 entramos em contato com a redação do jornal O Nacional para uma parceria de trabalho. Passaríamos a escrever pequenos textos a respeito de nossa história local e regional evidenciando os fatos e também o acervo de fontes para a pesquisa histórica salvaguardadas no AHR. Quinzenalmente, em

um trabalho que a partir de 2010 passou a incorporar trabalhos de alunos e professores da Graduação em História – UPF, temos escrito sobre os mais diversos temas que envolveram e, sem dúvida ainda envolvem, a população passo-fundense. Discorreu-se nesses anos acerca da cidade, de ruas, de praças, de empresas, de instituições, e também de sua gente, suas festividades e comemorações, suas lembranças...

A expectativa da ferrovia que chegou em 1898 e “partiu” por volta da década de 1970; o movimento estudantil que foi atuante desde a década de 1930 com o ensino secundarista e ganhando mais respeito com a chegada do ensino superior e da universidade; os bailes nos clubes sociais e o carnaval do povo nas ruas; as paixões do futebol à política e às revoluções. Obviamente, não poderíamos nomear a todos, mas esses foram alguns dos temas de textos produzidos por estudantes, equipe AHR e membros da comunidade.

Chegamos ao 100º artigo publicado lembrando-nos que esse emaranhado de textos, essa teia de imagens do passado, com suas afirmações ou suas lacunas, suas deduções ou suas comprovações, podem contar muitos momentos de nosso passado. Fica o convite ao leitor para que visite o site do AHR onde poderá encontrar vestígios de sua memória, ou perder-se na leitura de suas histórias, nas páginas dos artigos, periódicos, documentos, livros...

Benhur Jungbeck

Professor de História – Equipe AHR

* O AHR destaca que os artigos publicados nessa seção expressam única e exclusivamente a opinião de seus autores

Data : 20/07/2013

Título : Vivências que podem contar a história

Categoria: Artigos

Descrição: Vê-se que muitas pessoas entendem seus objetos pessoais como sendo partes de si mesmas, por isso valem as perguntas: Por que tal apego?

Sábado, 20/07/2013 às 07:44, por Arquivo Histórico Regional

Vê-se que muitas pessoas entendem seus objetos pessoais como sendo partes de si mesmas, por isso valem as perguntas: Por que tal apego? E também, por que desfazer-se deles e doá-los para instituições que guardam documentos históricos?

Há conceitos ligados a essas questões mobilizados no cotidiano dos profissionais que trabalham nos arquivos históricos, pois vivenciam na prática a relação indivíduo-objeto-memória. Nessa tríade o que é material existe primeiro, mas, em seguida a relação desse com o indivíduo e o conjunto documental vincula-se ou mesmo confunde-se de tal forma que, por vezes, não se reconhece mais o início ou o fim deste vínculo. Isso é confuso, sim, mas, nem tanto.

Cada pessoa vivencia, no decorrer dos anos, inúmeras situações e cada uma destas está ligada, normalmente, a algo material: a roupa que se usava, o disco que se escutou, a carta que foi escrita e, é claro, a fotografia que foi feita. Esses são os objetos. Temos também um segundo elemento quando as lembranças nessa materialidade são guardadas mas também construídas com o agregado dos anos de memórias que vão adicionando mais sentido social e político aos documentos – com o tempo os objetos tendem a adquirir maior importância afetiva para o indivíduo.

Uma-se a isso o passar de algumas décadas e teremos a receita de um indivíduo que não consegue mais desvencilhar-se, pois guarda seus objetos como ícones de sua memória-história, como imprescindíveis para sua própria vida já passada, lembranças de um tempo; talvez, para nostalgias de domingo ou de dias chuvosos. A memória afetiva é a mais enraizada ao indivíduo, já que carrega parte de sua vida, e muitas vezes torna difícil distinguir onde está o começo ou o fim da relação indivíduo-objeto-memória, desse apego aos vestígios de memória.

Assim, no dia a dia do trabalho dos arquivos históricos além da salvaguarda e conservação dos acervos que já estão incorporados, também faz parte das atividades a busca de novos documentos – fotografias, livros, correspondências, relatórios...

No entanto, esse trabalho se depara com a dificuldade de muitas famílias ainda não conseguirem compreender que não perderão seus acervos particulares ao doarem seus objetos. Esta ação vai muito além disso, pois os doadores estarão ampliando com acervos da memória pessoal ou de grupo a documentação possível de explicar e entender a conformação e organização da comunidade regional, possibilitando o desenvolvimento de inúmeros trabalhos de pesquisa histórica.

O permear-se é inerente ao indivíduo e as suas relações com o entorno. Dessa forma, os objetos doados continuarão sendo parte afetiva de cada um, mas, a partir daí, podem contar partes de nossa história regional. Esses extratos de família, de associações, de empresas, são porções e sentidos de grupos locais que preenchem a história da cidade e que ao sair das velhas caixas guardadas em armários ou porões complementam e cobrem lacunas da escrita da história.

Benhur Jungbeck

Professor de História

Fonte: Acervo do AHR

* O AHR destaca que os artigos publicados nessa seção expressam única e exclusivamente a opinião de seus autores.